

**PARAR PARA LER**

*HISTÓRIA DE UM GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*, de Luís Sepúlveda  
[sugestão de leitura para o 3º ciclo]

**CAPÍTULO PRIMEIRO**

- Banco de arenques a bombordo! — anunciou a gaivota de vigia, e o bando do Farol da Areia Vermelha recebeu a notícia com grasnidos de alívio.

Iam com seis horas de voo sem interrupções e, embora as gaivotas-piloto as tivessem conduzido por correntes de ares cálidos, que lhes haviam tornado agradável aquele planar sobre o oceano, sentiam a necessidade de recobrar forças, e para isso não havia nada melhor que um bom fartote de arenques.

Voavam sobre a foz do rio Elba, no Mar do Norte. Viam lá do alto os barcos alinhados uns atrás dos outros, como pacientes e disciplinados animais aquáticos, à espera de vez para saírem para o mar largo e ali orientarem os seus rumos para todos os portos do planeta.

Kengah, urna gaivota de penas cor de prata, gostava especialmente de observar as bandeiras dos barcos, pois sabia que cada uma delas representava urna forma de falar, de dar nome às mesmas coisas com palavras diferentes.

— As dificuldades que os humanos têm! Nós, gaivotas, ao menos grasnamos o mesmo em todo o mundo — comentou urna vez Kengah para uma das suas companheiras de voo.

— Pois é. E o mais notável é que às vezes até conseguem entender-se — grasnou a outra.

Mais para além da linha de costa, a paisagem tornava-se de um verde intenso. Era um enorme prado em que se destacavam os rebanhos de ovelhas pastando ao abrigo dos diques e das preguiçosas velas dos moinhos de vento. Seguindo as instruções das gaivotas-piloto, o bando do Farol da Areia Vermelha tomou uma corrente de ar frio e lançou-se em voo picado sobre o cardume de arenques. Cento e vinte corpos perfuraram a água como setas e, ao regressar à superfície, cada gaivota segurava um arenque no bico.

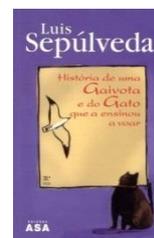
Saborosos arenques. Saborosos e gordos. Era mesmo do que precisavam para recuperar energias antes de continuarem o voo para Den Helder, onde se lhes juntaria o bando das ilhas Frísias.

No plano de voo estava previsto que seguiriam depois até ao estreito de Calais e ao canal da Mancha, onde seriam recebidas pelos bandos da baía do Sena e de Saint-Malo, com os quais voariam juntas até chegarem aos céus da Biscaia. Seriam então umas mil gaivotas que, como urna rápida nuvem cor de prata, iriam aumentando com a incorporação dos bandos de Belle-Île e de Oléron, dos cabos de Machicaco, do Ajo e de Peñas. Quando todas as gaivotas autorizadas pela lei do mar e dos ventos voassem sobre a Biscaia, poderia começar a grande convenção das gaivotas dos mares Báltico, do Norte e Atlântico.

Seria um belo encontro. Era nisso que Kengah pensava enquanto dava conta do seu terceiro arenque. Como todos os anos, iriam escutar-se interessantes histórias, especialmente as contadas pelas gaivotas do cabo de Peñas, infatigáveis viajantes que voavam às vezes até às ilhas Canárias ou às de Cabo Verde. As fêmeas como ela iriam entregar-se a grandes festins de sardinhas e lulas, enquanto os machos instalariam os ninhos à beira de uma escarpa. Neles poriam os ovos, neles os chocariam a salvo de qualquer ameaça e, quando tivessem crescido às gaivotinhas as primeiras penas resistentes, chegaria a parte mais bela da viagem: ensiná-las a voar nos céus da Biscaia.

Kengah mergulhou a cabeça para agarrar o quarto arenque e, por isso, não ouviu o grasnido de alarme que estremeceu o ar:

— Perigo a estibordo! Descolagem de emergência! Quando Kengah tirou a cabeça da água, viu-se sozinha na imensidade do oceano.



**PARAR PARA LER**

*HISTÓRIA DE UM GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*, de Luís Sepúlveda  
[sugestão de leitura para o 3º ciclo]

**CAPÍTULO SEGUNDO**

—Tenho muita pena de te deixar sozinho — disse o garoto, acariciando o lombo do gato grande, preto e gordo. Depois continuou a meter coisas na mochila. Pegava numa *cassete* do grupo Pur, um dos seus favoritos, guardava-a, tinha dúvidas, tirava-a, e não sabia se havia de tornar a metê-la na mochila ou deixá-la em cima da mesa-de-cabeceira. Era difícil decidir o que havia de levar para as férias e o que devia deixar em casa.

O gato grande, preto e gordo olhava para ele com atenção, sentado no peitoril da janela, o seu lugar favorito.

— Guardei os óculos de nadar? Zorbas, viste os meus óculos de nadar? Não. Não os conheces porque não gostas da água. Não sabes o que perdes. Nadar é um dos desportos mais divertidos. Vão umas bolachinhas? — ofereceu o garoto, pegando na caixa de bolachas para gatos.

Serviu-lhe uma ração mais que generosa, e o gato grande, preto e gordo começou a mastigar lentamente para prolongar o prazer. Que bolachas deliciosas, estaladiças e a saber a peixe!

«É bom rapaz», pensou o gato de boca cheia. «Bom rapaz? É o melhor que há!», corrigiu ele enquanto engolia.

Zorbas, o gato grande, preto e gordo, tinha muito boas razões para pensar isto do garoto, que não só gastava o dinheiro da sua mesada naquelas deliciosas bolachas, como ainda lhe mantinha sempre limpo o caixote de areia onde aliviava o corpo e o instruía falando-lhe de coisas importantes.

Costumavam passar muitas horas juntos na varanda, contemplando a incessante azáfama do porto de Hamburgo, e nessas ocasiões, por exemplo, o garoto dizia-lhe:

— Estás a ver aquele barco, Zorbas? Sabes donde vem? Pois vem da Libéria, que é um país africano muito interessante porque foi fundado por pessoas que tinham sido escravos. Quando for grande, hei-de ser comandante de um grande veleiro e hei-de ir à Libéria. E tu vens comigo, Zorbas. Serás um bom gato de mar. Tenho a certeza.

Como todos os rapazes do porto, também este sonhava com viagens a países distantes. O gato grande, preto e gordo sentia uma grande afeição pelo garoto, e não se esquecia de que lhe devia a vida.

Zorbas contraíra essa dívida precisamente no dia em que abandonou o cesto que lhe servia de morada juntamente com os seus sete irmãos. O leite da mãe era morno e doce, mas ele queria provar uma daquelas cabeças de peixe que a gente do mercado dava aos gatos grandes. E não pensava comê-la inteira, nada disso, a sua ideia era arrastá-la até ao cesto e depois miar aos irmãos:

— Já basta de chupar na nossa pobre mãe! Não vêem como ela ficou fraca? Comam peixe, que é o alimento dos gatos de porto.

Poucos dias antes de abandonar o cesto, a mãe tinha-lhe miado muito a sério:

— Tu és ágil e vivaço, e ainda bem, mas tens de ter cuidado com o que fazes e não sair do cesto. Amanhã ou depois vêm os humanos e decidem sobre o teu destino e sobre o dos teus irmãos. De certeza que lhes vão dar nomes simpáticos e terão comidinha garantida. É uma grande sorte ter nascido num porto, pois nos portos as pessoas gostam dos gatos e protegem-nos. A única coisa que os humanos esperam de nós é que mantenhamos os ratos à distância. Sim, meu filho. Ser um gato de porto é urna grande sorte, mas tu tens de ter cuidado porque há em ti qualquer coisa que te pode tornar infeliz. Filho, se olhares para os teus irmãos



**PARAR PARA LER**

*HISTÓRIA DE UM GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*, de Luís Sepúlveda

[sugestão de leitura para o 3º ciclo]

verás que todos são cinzentos e têm a pele às riscas como os tigres. Mas tu nasceste todo preto, com excepção desse pequeno tufo de pêlo branco que tens debaixo do queixo. Há humanos que julgam que os gatos pretos dão azar e por isso, filho, não saias do cesto.

Mas Zorbas, que naquela altura era assim como uma bolinha de carvão, saiu do cesto. Queria provar uma daquelas cabeças de peixe. E também queria ver um pouco de mundo.

Não foi muito longe. Ia trotando para um lugar de venda de peixe, de rabo todo alçado e vibrante, e passou diante de um grande pássaro que dormitava de cabeça inclinada. Era um pássaro muito feio e com um papo enorme debaixo do bico. De repente, o pequeno gato preto sentiu que o chão se lhe afastava das patas, e, sem compreender o que estava a acontecer, deu consigo às voltas no ar. Lembrando-se de um dos primeiros ensinamentos da mãe, procurou um lugar onde caísse em cima das quatro patas, mas lá em baixo esperava-o o pássaro de bico aberto. Caiu-lhe no papo, que estava muito escuro e cheirava horrivelmente.

— Deixa-me sair! Deixa-me sair! — miou ele desesperado.

— Vá lá. Podes falar — grasnou o pássaro sem abrir o bico. — Que bicho és tu?

— Ou me deixas sair ou arranho-te! — miou ele ameaçador.

— Desconfio que és uma rã. Tu és uma rã? — perguntou o pássaro sempre de bico fechado.

— Estou a afogar-me, pássaro idiota! — gritou o gatinho.

— Sim. És uma rã. Uma rã preta. Que curioso.

— Sou um gato e estou furioso! Deixa-me sair ou ainda te arrependes! — miou o pequeno Zorbas, procurando onde havia de cravar as garras no papo às escuras.

— Julgas que não sei distinguir um gato de uma rã? Os gatos são peludos, velozes e cheiram a pantufa. Tu és uma rã. Uma vez comi várias rãs e não eram más, mas eram verdes. Ouve lá, não serás tu uma rã venenosa? — grasnou o pássaro preocupado.

— Sim! Sou uma rã venenosa e além disso dou azar!

— Que dilema! Uma vez engoli um ouriço venenoso e não me aconteceu nada. Que dilema! Engulo-te ou cuspo-te? — meditou o pássaro, mas não grasnou mais nada porque se agitou, bateu as asas e finalmente abriu o bico.

O pequeno Zorbas, todo molhado de babas, deitou a cabeça de fora e saltou para o chão. Então viu o garoto, que segurava o pássaro agarrado pelo cachaço e o sacudia.

— Deves estar cego, pelicano imbecil! Vem cá, gatinho. Por pouco acabavas na pança deste passarão — disse o garoto, colocando-o nos braços.

Assim começara aquela amizade que já durava há cinco anos.

O beijo que o garoto lhe deu na cabeça desviou-o das suas recordações. Viu-o enfiar a mochila, caminhar para a porta e, de lá, despedir-se mais uma vez.

— Vemo-nos daqui a quatro semanas. Pensarei em ti todos os dias, Zorbas. Prometo.

— Adeus, Zorbas! Adeus, gordalhufo! — despediram-se os dois irmãos mais novos do garoto.

O gato grande, preto e gordo ouviu-os fechar a porta a sete chaves e correu para uma janela que dava para a rua, para ver a sua família adoptiva antes de ela se afastar.

O gato grande, preto e gordo respirou com prazer. Durante quatro semanas seria dono e senhor do apartamento. Um amigo da família iria todos os dias abrir-lhe uma lata de comida e limpar-lhe o caixote de areia. Quatro semanas para preguiçar pelos cadeirões, pelas camas, ou para ir até à varanda, trepar ao telhado, saltar de lá para os ramos do velho castanheiro e descer pelo tronco até ao pátio interior, onde costumava encontrar-se com os outros gatos do bairro. Não ia aborrecer-se. Nem por sombras. Assim pensava Zorbas, o gato grande, preto e gordo, porque não sabia o que lhe iria cair em cima nas próximas horas.

**PARAR PARA LER**

*HISTÓRIA DE UM GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*, de Luís Sepúlveda  
[sugestão de leitura para o 3º ciclo]

**CAPÍTULO TERCEIRO**

Kengah estendeu as asas para levantar voo, mas a espessa onda foi mais rápida e cobriu-a inteiramente. Quando veio ao de cima, a luz do dia havia desaparecido e, depois de sacudir a cabeça energicamente, compreendeu que a maldição dos mares lhe obscurecia a visão.

Kengah, a gaivota de penas cor de prata, mergulhou várias vezes a cabeça, até que uns clarões lhe chegaram às pupilas cobertas de petróleo. A mancha viscosa, a peste negra, colava-lhe as asas ao corpo, e por isso começou a mexer as patas na esperança de nadar rapidamente e sair do centro da maré negra. Com todos os músculos contraídos pelo esforço, chegou por fim ao limite da mancha de petróleo e ao fresco contacto com a água limpa. Quando, de tanto pestanejar e mergulhar a cabeça, conseguiu limpar os olhos, olhou para o céu e não viu mais que algumas nuvens que se interpunham entre o mar e a imensidade da abóbada celeste. As suas companheiras do bando do Farol da Areia Vermelha já voariam longe, muito longe. Era a lei. Também ela vira outras gaivotas surpreendidas pelas mortíferas marés negras e, apesar da vontade de descer para lhes oferecer um auxílio tão inútil como impossível, afastara-se, respeitando a lei que proíbe presenciar a morte das companheiras. De asas imobilizadas, coladas ao corpo, as gaivotas eram presas fáceis para os grandes peixes, ou morriam lentamente, asfixiadas pelo petróleo que, metendo-se entre as penas, lhes tapava todos os poros. Era essa a sorte que a esperava, e desejou desaparecer depressa entre as fauces de um grande peixe.

A mancha negra. A peste negra. Enquanto esperava o fatal desenlace, Kengah amaldiçoou os humanos.

— Mas não todos. Nada de injustiças — grasnou ela debilmente.

Muitas vezes vira lá do alto como certos grandes barcos petroleiros aproveitavam os dias de neblina costeira para se afastar pelo mar dentro para lavar os tanques. Atiravam ao mar milhares de litros de uma substância espessa e pestilenta que era arrastada pelas ondas. Mas vira também que às vezes umas pequenas embarcações se aproximavam dos petroleiros e os impediam de esvaziar os tanques. Infelizmente aquelas embarcações decoradas com as cores do arco-íris nem sempre chegavam a tempo de impedir o envenenamento dos mares.

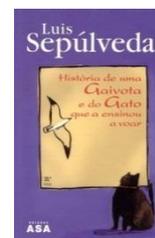
Kengah passou as horas mais longas da sua vida poisada à superfície da água, perguntando a si mesma, apavorada, se porventura a esperava a mais terrível das mortes; pior que ser devorada por um peixe, pior que sentir a angústia da asfixia, era morrer de fome.

Desesperada perante a ideia de uma morte lenta, sacudiu-se toda e verificou com espanto que o petróleo não lhe tinha colado as asas ao corpo. Tinha as penas impregnadas daquela substância espessa, mas ao menos podia estendê-las.

— Talvez tenha ainda uma possibilidade de sair daqui, e quem sabe se, voando alto, muito alto, o sol não derreterá o petróleo — grasnou Kengah.

Veio-lhe à memória uma história ouvida a uma velha gaivota das ilhas Frísias que falava de um humano chamado Ícaro, que, para realizar o sonho de voar, fabricara urnas asas com penas de águia e voara alto, até muito perto do sol, tanto que o calor deste derreteu a cera com que colara as penas e caiu.

Kengah bateu as asas energicamente, encolheu as patas, ergueu-se uns dois palmos e caiu de borco na água. Antes de tentar de novo, submergiu o corpo e moveu as asas debaixo de água. Desta vez ergueu-se mais de um metro antes de cair. O maldito petróleo pegava-lhe as penas da rabadilha, de tal maneira que não podia orientar a subida. Mergulhou uma vez



**PARAR PARA LER**

*HISTÓRIA DE UM GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*, de Luís Sepúlveda  
[sugestão de leitura para o 3º ciclo]

mais e, com o bico, puxou pela capa de imundície que lhe cobria a cauda. Suportou a dor das penas arrancadas, até que, finalmente, verificou que a sua parte traseira estava um pouco menos suja.

À quinta tentativa, Kengah conseguiu levantar voo.

Batia as asas com desespero, pois o peso da camada de petróleo não lhe permitia planar. Bastaria uma só pausa para ir por ali abaixo. Por sorte, era uma gaivota jovem e os músculos respondiam em boa forma.

Ganhou altura. Sem deixar de mover as asas, olhou para baixo e viu a costa, que se perfilava apenas como uma linha branca. Viu também alguns barcos movendo-se como diminutos objectos sobre um pano azul. Ganhou mais altura, mas os esperados efeitos do sol não a atingiam. Talvez os seus raios produzissem um calor muito fraco, ou então era a camada de petróleo que era excessivamente espessa.

Kengah compreendeu que as forças não lhe iam durar muito, e, procurando um lugar onde descer, voou terra adentro, seguindo a serpenteante linha verde do Elba.

O movimento das asas foi-se-lhe tornando cada vez mais pesado e lento. Estava a perder forças. Já não voava tão alto. Numa desesperada tentativa de recuperar altura, fechou os olhos e bateu as asas com as suas últimas energias. Não soube durante quanto tempo manteve os olhos fechados, mas quando os abriu ia a voar sobre uma alta torre que ostentava um cata-vento de ouro.

— São Miguel! — grasnou ela ao reconhecer a torre da igreja de Hamburgo. As asas negaram-se a continuar o voo.

#### **CAPÍTULO QUARTO**

O gato grande, preto e gordo estava a apanhar sol na varanda, ronronando e meditando acerca de como se estava bem ali, recebendo os cálidos raios pela barriga acima, com as quatro patas muito encolhidas e o rabo estendido. No preciso momento em que rodava preguiçosamente o corpo para que o sol lhe aquecesse o lombo, ouviu o zumbido provocado por um objeto voador que não foi capaz de identificar e que se aproximava a grande velocidade. Atento, deu um salto, pôs-se de pé nas quatro patas e mal conseguiu atirar-se para um lado, para se esquivar a gaivota que caiu na varanda. Era uma ave muito suja. Tinha todo o corpo impregnado de uma substância escura e malcheirosa. Zorbas aproximou-se e a gaivota tentou pôr-se de pé, arrastando as asas.

— Não foi uma aterragem muito elegante — miou.

— Desculpa. Não pude evitar — reconheceu a gaivota.

— Olha lá, tens um aspeto desgraçado. Que é isso que tens no corpo? E que mal que cheiras! miou Zorbas.

— Fui apanhada por uma maré negra. A peste negra. A maldição dos mares. Vou morrer — grasnou a gaivota num queixume.

— Morrer? Não digas isso. Estás cansada e suja. Só isso. Porque é que não voas até ao Jardim Zoológico? Não é longe daqui e lá há veterinários que te poderão ajudar — miou Zorbas.

— Não posso. Foi o meu voo final — grasnou a gaivota numa voz quase inaudível, e fechou os olhos.

— Não morras! Descansa um bocado e verás que recuperas. Tens fome? Trago-te um pouco da minha comida, mas não morras — pediu Zorbas, aproximando-se da desfalecida gaivota.



**PARAR PARA LER**

*HISTÓRIA DE UM GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*, de Luís Sepúlveda  
[sugestão de leitura para o 3º ciclo]

Vencendo a repugnância, o gato lambeu-lhe a cabenga. Aquela substância que a cobria, além do mais, sabia horrivelmente. Ao passar-lhe a língua pelo pescoço, notou que a respiração da ave se tornava cada vez mais fraca.

— Olha, amiga, quero ajudar-te, mas não sei como. Procura descansar enquanto eu vou pedir conselho sobre o que se deve fazer com uma gaivota doente. — miou Zorbas preparando-se para trepar ao telhado.

la a afastar-se na direção do castanheiro quando ouviu a gaivota a chamá-lo.

— Queres que te deixe um pouco da minha comida? — sugeriu ele, algo aliviado.

— Vou pôr um ovo. Com as últimas forças que me restam, vou pôr um ovo. Amigo gato, vê-se que és um animal bom e de nobres sentimentos. Por isso, vou pedir-te que me faças três promessas. Fazes? — grasnou ela, sacudindo desajeitadamente as patas numa tentativa falhada de se pôr de pé.

Zorbas pensou que a pobre gaivota estava a delirar e que, com um pássaro em estado tão lastimoso, ninguém podia deixar de ser generoso.

— Prometo-te o que quiseres. Mas agora descansa — miou ele compassivo.

— Não tenho tempo para descansar. Promete-me que não comes o ovo. — grasnou ela, abrindo os olhos.

— Prometo que não te como o ovo — repetiu Zorbas.

— Promete-me que cuidas dele até que nasça a gaivotinha.

— Prometo que cuido do ovo até nascer a gaivotinha.

— E promete-me que a ensinas a voar — grasnou ela, fitando o gato nos olhos.

Então Zorbas achou que aquela infeliz gaivota não só estava a delirar, como estava completamente louca.

— Prometo ensiná-la a voar. E agora descansa, que vou em busca de auxílio — miou Zorbas trepando de um salto para o telhado.

Kengah olhou para o céu, agradeceu a todos os bons ventos que a haviam acompanhado e, justamente ao exalar o último suspiro, um ovito branco com pintinhas azuis rolou junto do seu corpo impregnado de petróleo.

**CAPÍTULO QUINTO**

Zorbas desceu rapidamente pelo tronco do castanheiro, atravessou o pátio interior a toda a pressa, para evitar ser visto por uns cães vagabundos, saiu para a rua, assegurou-se de que não vinha nenhum automóvel, atravessou-a e correu na direção do Baloicho, um restaurante italiano do porto.

Dois gatos que andavam a farejar num recipiente de lixo viram-no passar.

— Ai, compadre! Está a ver o que eu estou a ver? Ai que gordinho tão lindo — miou um.

— Pois é, compadre. E todo preto. Mais que uma bolinha de gordura, parece uma bolinha de alcatrão.

— Aonde vais tu, bolinha de alcatrão? perguntou o outro.

Embora estivesse muito preocupado com a gaivota, Zorbas não estava disposto a deixar passar as provocações daqueles malvados. E por isso interrompeu a corrida, eriçou a pele do lombo e saltou sobre o recipiente de lixo. Estendeu lentamente uma pata da frente, pôs de fora uma garra tão comprida como um fósforo e aproximou-a da cara de um dos provocadores.



**PARAR PARA LER**

*HISTÓRIA DE UM GAIVOTA E DO GATO QUE A ENSINOU A VOAR*, de Luís Sepúlveda

[sugestão de leitura para o 3º ciclo]

— Gostas? Olha que tenho mais nove. Queres experimentá-las no espinhaço? — miou com toda a calma. Com a garra diante dos olhos, o gato engoliu cuspo antes de responder.

— Não, chefe! Está um lindo dia, não acha? — miou ele sem tirar os olhos da garra.

— E tu? Que me dizes? — perguntou Zorbas, dirigindo-se ao outro gato.

— Eu também digo que está um lindo dia, agradável para passear, embora um bocadinho frio.

Arrumado o assunto, Zorbas retomou o seu caminho até chegar diante da porta do restaurante. Lá dentro, os criados estavam a pôr as mesas para os comensais do almoço. Zorbas miou três vezes e esperou sentado no patamar da entrada. Poucos minutos depois, aproximou-se Secretário, um gato romano muito magro e apenas com dois pelos de bigode, um de cada lado do nariz.

— Temos muita pena, mas se não fez reserva não podemos atendê-lo. Estamos à cunha — miou ele como quem cumprimenta. Ia acrescentar mais qualquer coisa, mas Zorbas interrompeu-o.

— Preciso de miar com o Colonello. É urgente.

— Urgente! Sempre com urgências de última hora! Vou ver o que posso fazer, mas só porque se trata de uma urgência — miou Secretário, regressando ao interior do restaurante.

Colonello era um gato de idade indefinível. Alguns diziam que tinha tantos anos como o restaurante que o albergava; outros sustentavam que era ainda mais velho. Mas a sua idade não importava, porque Colonello possuía um curioso talento para aconselhar os que se encontravam em dificuldades e, embora nunca solucionasse qualquer conflito, os seus conselhos pelo menos reconfortavam. Por ser velho e talentoso, Colonello era uma autoridade de todo o tamanho entre os gatos do porto. Secretário regressou a correr.

— Segue-me. A título excepcional, o Colonello vai receber-te — miou.

Zorbas seguiu-o. Passando por debaixo das mesas e das cadeiras da sala de jantar, chegaram à porta da adega. Desceram aos saltos os degraus de uma estreita escada e lá em baixo foram encontrar Colonello, de rabo todo alçado, inspecionando as rolhas de umas garrafas de champanhe.

— Porca miséria! Os ratos roeram as rolhas do melhor champanhe da casa. Zorbas! Caro arnica! — saudou Colonello, que costumava miar palavras em italiano.

— Desculpa incomodar-te em pleno trabalho, mas tenho um grave problema e preciso dos teus conselhos — miou Zorbas.

— Estou as tuas ordens, caro amico. Secretario? Sirva ao mio amico um pouco dessa lasagna al forno que nos deram de manhã — ordenou Colonello.

— Mas comeu-a toda...! Nem sequer me deixou cheirá-la! — queixou-se Secretário.

Zorbas agradeceu, mas não tinha fome, e contou rapidamente a acidentada chegada da gaivota, o seu lamentável estado e as promessas que se vira obrigado a fazer-lhe. O velho gato ouviu bem, depois meditou, acariciando os seus longos bigodes e, por fim, miou energicamente:

— Porca miseria! É preciso ajudar essa pobre gaivota para poder continuar o seu voo.

— Sim, mas como? — miou Zorbas.

— O melhor é consultar o Sabetudo — aconselhou Secretário.

— Era exatamente o que eu ia sugerir. Porque é que este há-de estar sempre a tirar-me as miadelas da boca? — reclamou Colonello.

— Sim. É uma boa ideia. Vou ter com o Sabetudo — miou Zorbas.

— Vamos todos. Os problemas de um gato do porto são problemas de todos os gatos do porto — declarou Colonello solenemente.